

VALORES SOCIAIS: FILOSÓFICA E SOCIOLOGICAMENTE ENCARADOS

Alfonso Trujillo Ferrari

1. AS ARESTAS DO PROBLEMA

IncurSIONAR no terreno do estudo dos valores sociais sem uma base filosófica pode trazer graves conseqüências na compreensão dos fenômenos sociais em que os valores são abstraídos sociologicamente. Desprovido dessa base, qualquer análise torna-se anarquizante, pois chega-se a confundir os valores com idéias, aspirações, apreciações, desejos e assim por diante. O objeto deste esboço é oferecer uma formulação dos valores sociais em termos contrastantes, tanto em termos da teoria transacional como da teoria interacional e da teoria holográfica. A teoria transacional dos valores sociais estaria mais perto de um enfoque ontológico do valor, enquanto que a teoria interacional permitiria descrever os característicos dos valores sociais dentro de sua relatividade cultural, ao passo que a teoria holográfica traçaria uma explanação sobre a origem e operacionalidade dos valores sociais. Antes de penetrar nesse matagal de contrastes, a nossa atenção voltar-se-á para um esquema, embora simplificado e prático, para que os leigos possam compreender o que é o valor, e como se apresentam os valores sociais, suas características, tipologias etc.

Transacionalmente, nos cosmos do conhecimento, o valor é uma **designação** porque não é demonstrável, mas apenas **mostrado**; não é objeto ideal, isto é, não tem idealidade; não é qualidade nem quantidade, apenas designa um **desideratum**. **Desideratum** no sentido de que uma pessoa a deseja encontrando-se em qualquer coisa tangível ou intangível. A designação de um **desideratum** que

vale, isto é, que contém valor, e cuja intensidade do **desideratum** pode acusar a alternativa dos valores. Não se trata aqui de fazer uma análise ontológica exaustiva do valor, porque isso implicaria distinções de estrutura ôntica do que representam os valores diante das coisas reais e de sua diferenciação com elas, bem como de suas implicações com os objetos ideais e dentro da existencialidade humana. Os interessados poderão encontrar sobre este particular subsídios valiosos nas obras de Herman Lotze e seguidores; de Wilhelm Windelband e seguidores; de Max Scheler, Nicolai Harthmann, William Stern, Jules Lagmeau, René Le Senne, Eugene Duprel, M. G. Morante, Ray Leply e, mais recentemente, o trabalho editado por Kurt Baier e Nicholas Rescher (1).

Como designação, o valor transacionalmente se diferencia do valor mensuração ou valor medido. Enquanto o valor tem a categoria do valor, e o valor consiste em não ser indiferente. A não-indiferença constitui o valor. "Ter valor significa não ter uma realidade entitativa, mas apenas não ser indiferente" (Morante, 1 967: pág. 296). O valor mensuração, por sua vez, é a atribuição de um valor individual (x) a determinada propriedade de determinado objeto com o auxílio de uma observação (Bunge: 1 969, pág. 773), leva-se a efeito uma operação empírica que se denomina medição. Onde o **mensurandum** é sempre um valor particular de uma variável numérica, de um conceito quantitativo (magnitude) que representa uma propriedade de algum sistema concreto.

Basicamente há, pelo menos, quatro grupos de problemas que emanam da Filosofia e que interessam à Sociologia. Esta última como ciência modifica os quadros conceituais originais passando do plano da mostrabilidade para a demonstrabilidade. 1) O primeiro problema, como se nota, é a mutabilidade conceitual; 2) seguido de explicações descritivas para caracterizar o fenômeno de estudo dos valores; 3) decorrentes do estabelecimento da regularidades empíricas ou princípios básicos como resultado da pesquisa sensível a procedimentos sensoriais operacionais repetitivos sobre aquilo que as pessoas não são indiferentes, ou designam pelo que valem; 4) finalmente, mostrar a relatividade de tais valores na área das indagações sociológicas; a própria relatividade dos valores é o que interessa aos sociólogos, enquanto que certos valores absolutos passem despercebidos pela Sociologia. Mesmo no terreno da Filosofia conflito os valores, modificando a vida humana e alterando os valores e a sociedade contemporânea. pois que podem comparar entre si e ser avaliados" admitindo, além disso, que o valor absoluto não pode constituir o conteúdo determinado e o objeto de nossa razão, isto é aprobemático. Por sua vez, Eugene Dupreel sustenta que os valores

(1) Cf. Bibliografia ao final do trabalho.

são em si, fatos a verificar e estudar pelos métodos da ciência empírica". Contrastando, "a esfera dos valores, em princípio, como manifesta Russell, situa-se fora da ciência (Russell, 1955: pág. 242) no sentido do estudo da filosofia pura"; mas a tecnologia, a filha espúria da ciência, pari passo coloca em conflito os valores, modificando a vida humana e alterando os valores e influenciando o aparecimento de novos **desiderata** que, designados, se transformam em valores relativos que afetam a sociedade contemporânea. É esta a área em que a Sociologia procura explicar quais os valores sociais que impregnam os juízos de valor, as normas de ação, as aspirações e desejos, bem como os conflitos que emanam na contratação de tais valores sociais.

2. DEFININDUM DO VALOR SOCIAL

Poucos são os textos de Sociologia que abordam o problema dos valores sociais. Fischter, o admite como "os critérios segundo os quais um grupo ou uma sociedade julgam a importância dos indivíduos, padrões, objetivos e de outros objetos sócios-culturais". (1967, pág. 347). Como se nota, para este, os valores são critérios que dão sentido e significado à cultura e à sociedade total, são algo que se compartilha, ou ainda como no caso de Rocher, que define o valor como "uma maneira de ser ou de agir que uma pessoa ou uma coletividade reconhece como ideal e que faz com que os seres ou as condutas aos quais é atribuído sejam desejáveis ou estimáveis" (Rocher 1971: pág. 127). Em ambos os autores há confusão evidente, pois é considerado por "critério" por um e por "ideal" pelo outro, o que obriga uma maneira de ser ou agir. Isto seria confundir primeiro como uma simples abstração inexistencial, o segundo seria colocar o valor no terreno dos objetos ideais e das coisas reais. O fato que os "valores tenham a mesma objetividade que as coisas" como manifesta Durkheim (1911: pág. 438) não significa que deva ser confundido com as coisas. É verdade que os valores repousam nas coisas e nas idéias, porém isso não significa que sejam um mesmo fenômeno. A conceituação dos valores sociais, conseqüentemente não deve afastar-se da matriz filosófica, no sentido de reconhecer como princípio de validade, isto é, aquela designação (no sentido transacional) que faz com que tenham valor as coisas, comportamentos, expectativas, interesses ou qualquer **desiderata**. Portanto, o valor social é a designação dos **desiderata** que se manifesta com uma apreciação objetiva ou subjetiva, predeterminada e projetada sobre as coisas e idéias que tenham um cunho coletivo.

A teoria interacional, em princípio, enfoca o valor como responsável por determinada resposta diante de um dado estímulo. Neste caso, o valor diz respeito ao conteúdo enquanto a forma do objeto corresponde ao fato. O valor social, "stricto sensu", é uma realidade psíquica, mas isso não a exclui de sua constatação fatural. Destarte, a forma quanto ao conteúdo do objeto podem possuir valor, embora a afirmação inicial denote que sua realidade se encontra na mente humana e não no objeto em si mesmo. Por exemplo, quando se diz que uma flor é bela, o valor belo não está atribuindo nem tirando um átomo de seu ser. Isto transplantado à área da Sociologia, entretanto, tem uma significação mais extensa porque os valores sociais conferem apreciações que valorizam o objeto e, como tal, torna-se um **desideratum** de apreço. Um grupo social organizado que tem a faculdade de atingir determinadas metas será mais valorizado que um grupo desorganizado. Naturalmente esta valorização é feita dentro de delimitados padrões sócio-culturais, padrões esses, por sua vez, modelados pelos próprios valores.

3. ORIGEM DOS VALORES SOCIAIS

Para explicar a origem dos valores, tornou-se pertinente utilizar uma teoria. Neste caso a teoria holográfica. Do grego **holo** que significa todo, inteiro. Os valores se originam e se transmitem integralmente, e não fraccionadamente. O que dá origem aos valores não é um sistema perfeitamente dectetável como ocorre para compreender as origens institucionais, das normas, das leis, dos padrões de comportamento e assim por diante. A origem dos valores pode ser explicada em termos de um multissistema que, de certo modo, é independente da cultura, porém postulados e conceitos primitivos estão presos à cultura. Os postulados se fundamentam também em fatos e idealizações e, por serem muitas vezes, desconexos suas outras tendências ocupam diversos sistemas, daí serem enfocados em termos de multissistemas. Em cada um dos sistemas, ao nível psicocultural ou psicossocial dá-se um armazenamento e elaboração dos valores, a partir de uma matriz individual. Isto significa que alguns valores se originam no indivíduo e que penetram no outro indivíduo e na coletividade já feitos. Os valores são elaborados, reelaborados, testados ou abandonados. O importante é que os valores são refletidos de forma integral; ninguém responde, nem intui um valor pela metade. Por tratar-se de um multissistema, alguns sistemas de valores podem ofuscar ou impedir o afloramento de valores de outros sistemas, isto pode ser uma conseqüência racional, pensada ou inconsciente,

porém tenderá sempre a se manifestar enquanto não desaparece o holograma do valor. A reprodução poderá não ser nítida mas continuará sendo existencial, até o holograma se apagar pela recusa total consciente ou inconsciente do valor. Não é possível decompor o holograma do valor. A pesquisa sociológica portanto, volta-se para o processo de descodificação dos valores se se conhecem os programas holográficos dentro de cada cultura.

Quando uma pessoa passa de uma sociedade para outra que manifesta valores desconcertantes, antitéticos, ou polarizantes, a pessoa ou indivíduo ou, ainda, o grupo tende a reformular a estrutura holográfica dos multissistemas dos valores como uma condição neuropsíquica de poupar o sofrimento de uma manifestação psicossocial e evitar o insulamento. Dá-se, destarte, um deslocamento dos valores: dentro dos níveis estruturais do contexto social.

Independente de qualquer análise ontológica a origem do valor tem um significado pragmático porque na Sociologia existe a necessidade de se saber porque algumas pessoas e instituições são mais valoradas que outras. Como indica Fischter (1 967 – 349): “isto poderá ser analisado em dois níveis: a) do **consenso social** acerca de um “status” elevado ou baixo baseia-se no fato de a pessoa possuir os elementos que são valorados altamente na cultura; e b) de existir também uma fonte de valores interior à pessoa. O direito moral, a inviolabilidade está de fato centrada na humanidade em si. Esta inviolabilidade, responsabilidade e dignidade não tem sua origem na sociedade”. Nestes casos, trata-se apenas dos valores refletidos e não propriamente da origem primeira do valor.

4. CARACTERÍSTICAS DOS VALORES SOCIAIS

Quais os traços característicos que apresentam os valores sociais? Tais traços são compatíveis ou incompatíveis com as suas origens filosóficas? O valor social pertence à coletividade, e como tal, exerce certa pressão no indivíduo e no grupo como controle social no estabelecimento da ordem social; é evidente que isto reflete a sua característica de **mostrabilidade**. Esta **mostrabilidade** se faz dentro de uma esfera ideal, assim sendo, implica o valor num **desideratum**, isto é, tentamos aproximar-nos ou agir dentro daqueles modelos no qual nos inspiramos. “A **mostrabilidade**, embora ideal do valor, não é menos real que as condutas ou objetos em que se concretiza ou por que se exprime” (Rocher 1 967: pág. 127). O valor assim, faz parte de uma sociedade,

de um grupo, da mesma forma como se apresentam as cidades, os bairros e assim por diante. A **mostrabilidade** do valor se inscreve na realidade social, ora como um “ideal que solicita a adesão ou convida a respeito”, ora esta **mostrabilidade** aparece no comportamento social ou mesmo individual das pessoas, e que exprimirá tal valor de forma concreta ou de maneira simbólica. A mostrabilidade está mais concatenada com os juízos de valor que propriamente com os juízos da realidade. Neste sentido, Durkheim tem deixado por sentado a diferença de ambos os juízos. Os **juízos de valor** refere-se à qualidade das coisas, objetos ou ao apreço que se lhes atribui, e os quais são inspirados ou julgados à luz de certos valores. Semelhante juízo como admite Roché, supõe que exista já adesão do sujeito a um ideal ou da coletividade aos **desiderata**. Os **juízos da realidade** estão mais vinculados com o que é ou como é a realidade, e neste caso, exige-se a **demonstrabilidade**. A tarefa do sociólogo, em termos de pesquisa de valores sociais, é passar do característico da mostrabilidade para o terreno da demonstração, como corresponde a sua preocupação científica.

A segunda característica do valor social é sua **relatividade**. A característica de ser o valor absoluto, ficou confinado estritamente à filosofia e, inclusive, como já foi apontado por Marcel e Duprel, distinguem planos em que se apresentam os valores absolutos e os valores relativos. Na ciência, e em particular na análise dos valores sociais, a **relatividade** caracteriza adequadamente os valores reais que se apresentam dentro de uma sociedade em particular. São as designações dos **desiderata** que uma coletividade acolhe para si e a qual confere sua adesão numa época, mas que poderá desvincular-se ou abandonar tais valores diante dos processos mutacionais da própria sociedade, por efeitos da própria **remotividade temporal** (Catton Jr., 1954). Entretanto, a **relatividade** dos valores não comporta apenas o processo histórico da sociedade, mas também em termos do espaço-valor, bidimensionais ou multidimensionais. Isto porque os valores variam não apenas no tempo, mas também de uma sociedade para outra. Valores aceitos e cultivados numa sociedade, sincronicamente podem ser recusados, debilitados ou abandonados noutra sociedade.

Outra característica dos valores sociais é sua **orientação para a ação**. A conduta e o comportamento social está em dependência das normas, padrões ou modelos de ação. A teoria interacionista considera os valores sociais como produtos da interação social que se tem corporizado na cultura (Kluckhohn 1968: pág. 435). “O valor supõe um código ou uma norma que tem alguma persistência no tempo ou, em outros termos, organiza um sistema de ação (Kluckhohn 1968: pág. 443). De acordo como tais normas, o valor situa coisas, atos, forma de conduta, metas de ação num continuum linear de

aprovação-desaprovação. Assim sendo, valores encontram na orientação para a ação uma resposta para separar aquilo que reflete os desiderata (desejáveis) dos indesejados (ou apenas dos desejados); destaca-se então a não identidade entre os desejados e os desejáveis, de tal forma que se identifica a existência do elemento valorativo; transforma o desideratum em não-desideratum, ou numa forma ambivalente, ficando explícito que os "valores são formas mais ou menos estáveis de solucionar a ambivalência" tal como indica Kluckhohn (1 968: pág. 443).

A orientação dos valores à ação permite ao sociólogo compreender menos abstratamente os valores incipientes ou verbalizados de uma maneira incompleta. Quanto mais explícito os valores sociais eles poderão ser mais adequadamente compreendidos, enquanto que os valores implícitos não obstante que estes são potencialmente expressáveis numa linguagem racional (Cf. Kluckhohn 1 968: pág. 445) permanecem numa esfera das noções abstratas e generalizadas, e pertencem sem dúvida à área das especulações filosóficas.

A orientação para a ação, como se nota, é apenas uma característica do valor que está intimamente relacionado com o comportamento ou ação observável e não apenas como o aspecto intuível que caracteriza a orientação para a compreensão filosófica da questão. Como indica Adler (1 951) na Sociologia, "igualar-se o valor em ação", daí que as expectativas voltam-se para se antecipar o que uma pessoa fará em determinada situação, ou o que deixará de fazer ou, ainda, de que forma fará e entre que alternativas fará sua opção, caso se conheça os significados dos valores (em extensão e compreensão) pessoais e dos valores envolventes (valores de pressão) na que um indivíduo ou grupo se encontra submetido. Como se nota, o significado da ação descansa num valor específico ou no significado de determinados valores sociais. Uma teoria axiomática ou teoria estocástica em Sociologia pode predeterminar com uma grande incidência de probabilidade de como se darão as ações quando conhecidos os significados.

Outra característica de certo modo é o aspecto afetivo que implica a adesão aos valores. A adesão a um valor como indica Rocher (1 971: pág. 134) "não é racional e lógico, mas antes uma mistura de raciocínio e de intuição espontânea e direta". Visto que os valores de algum modo implicam afeto, a catexia e o valor acham-se de algum modo inter-relacionados como indica Henry A. Murray (cit. por Kluckhohn, 1 968: pág. 476). Embora a catexis seja um impulso, e consista quase sempre em resposta estreita e curta, ela chega a se entrosar com o valor, não obstante esta supor uma visão ampla, e que tem por finalidade canalizar ou limitar os impulsos, segundo determinadas metas.

Entretanto os aspectos afetivos de ambas, podem oferecer análises consistentes ou perda de perspectiva da pesquisa no sentido de se confundir o valor com a cataxis. Voltando à adesão dos valores, pode-se notar que apresenta certos traços de conversão ou de doutrinação no sentido religioso do termo como lembra Roche (1971, pág. 134 – 135). A carga afetiva que o valor reveste faz dele um fator poderoso na orientação da ação das pessoas e da coletividade". Esta característica, finalmente, explica o porquê da estabilidade de certos valores e a mutacionalidade de outros.

Os valores apresentam, também, como característica, um poder de hierarquização. Graças a esta característica é possível construir tipologias, classificações. O estabelecimento de uma ordem hierárquica nada mais é que um arranjo dos multissistemas, conforme as disposições culturais imperantes numa sociedade. Individual ou coletivamente as pessoas aderem ou reconhecem maior importância a certos valores, enquanto outros são colocados em segundo plano.

TIPOLOGIA DOS VALORES SOCIAIS

Presentemente existem numerosas classificações dos valores no campo da Sociologia, como no caso de Fischeter (1967), Dodd (1951), de Franz Adler (1951), de Clyde Kluckhohn (1968) e outros. Qualquer que seja a classificação sobre os valores, ela tem significação em termos dos critérios empregados para a construção de tal tipologia. Não obstante os valores sociais estarem estreitamente relacionados aos padrões de comportamento, aos papéis sociais e aos processos sociais, bem como a todo o sistema de estratificação da sociedade, como observa Fischter (1967 : pág. 354), utiliza este autor como critérios de classificação: a personalidade social, a sociedade e a cultura. Nota-se, aqui, que o citado acima, confunde planos com critérios. O critério é uma condição específica sobre o qual se postula o equacionamento homológico e analógico na definição do valor tipo. De outro lado, Fischter considera também como critérios a "obrigatoriedade" e que, segundo afetem a personalidade social, os valores sociais estariam dispostos conceptualmente. Assim, num extremo estariam os valores mais fortes e interiorizados que o indivíduo aceita como uma questão de consciência. A violação de tais valores produziriam sentimentos de culpa e vergonha. A partir dos valores sociais que implicam a máxima obrigatoriedade moral e ética, vai "descendo até os valores menos importantes e impera-

tivos" (1967: pág. 355). Adverte o mesmo autor que alguns valores sociais são mais importantes que outros pela eficiência com que funcionam e por sua aptidão para conseguir a cooperação entre indivíduos e grupos. Estes seriam os valores supremos que indicariam o que é desejável, e inclusive, essencial para a continuidade da sociedade e para o bem-estar comum (amor, justiça etc.). Antiteticamente estariam os valores negativos ou antissociais ou dissociativos. Por cima da classificação supra, Fischter reconhece que mais sentido tem uma classificação de valores de acordo com sua função institucional na cultura. Isto é, estaria intimamente vinculado a cada um dos sistemas sociais e que, freqüentemente, o indentificamos como valores religiosos, políticos, econômicos, educacionais, familiares etc. O fato dos critérios de classificação serem um tanto tênues na postulação de Fischter, ainda eles nem aparecem na classificação de Adler em seu estudo sobre "o conceito de valor em Sociologia" (1956: pág. 272), reduzindo-as a quatro tipos-básicos: 1) valores considerados como absolutos, existindo no intelecto, como no caso de Deus; 2) valores considerados como objetos materiais ou não-materiais; 3) valores entendidos como localizados no homem, originados de suas necessidades biológicas ou de sua mente; e 4) valores igualitários como ações. A partir desta tipologia o próprio Adler propõe certas combinações entre os quatro grupos de valores básicos. O problema, entretanto, aparece quando se tenta.

Stuart C. Dood (1951: pág. 645) estabeleceu para a classificação dos valores humanos, como um passo eficiente na predição da avaliação humana critérios prioritários no sentido de dividir os fenômenos de estudo (neste caso de valor social) em classes e subclasses homogêneas em sucessivos níveis de classificação. Para Dood, classes homogêneas significam classes altamente correlacionadas com o comportamento que se está avaliando e então podem ser usados para predizê-lo. Para dito autor, as classes mais universais são de maior interesse e devem ter prioridade na pesquisa. Dood considera cinco maiores dimensões de valores ou desiderata: 1) aqueles que são permanentes ou universais no tempo; 2) ubíquos ou universais no espaço; 3) populares ou universais entre povo de toda classe e cultura; 4) inclusive ou universais para todas as partes de uma cultura ou de um sistema de valores; 5) intensidade, isto é, deve ser fortemente desejado. Esses critérios de prioridade implicaria a subclassificação dos valores humanos das principais instituições sociais (1951 pág. 646). Esta classificação é obtida na base dos seguintes conceitos no qual se fundamenta a teoria dos valores: 1) valores; 2) avaliação; 3) avaliadores; 4) tempo; 5) espaço e 6) condições complementares e símbolos. As subclasses igualmente corresponderiam a cada uma das variáveis

supra tomadas ou utilizadas isoladamente; assim a subclasse dos valores propõe doze subclasses institucionais de cultura: 1. doméstica, 2. escolar, 3. econômica, 4. política, 5. religiosa, 6. filantrópica, 7. higiene, 8. recreacional, 9. artística, 10. científica, 11. lingüística, 12. militar. A segunda variável permitiria a subclasse de avaliação ou desejo que podem ser medidos por oito índices desenvolvidos por Dood. A terceira subclassificação corresponde à subclasse dos avaliadores ou portadores de valor. A quarta subclasse corresponde à classificação pelo tempo, considerando-se inclusive as variações da mudança dos valores. Nesta subclasse tornaram-se evidentes as datas, tempos, seqüências, durações, velocidades e acelerações. A quinta subclasse estaria dada pela variável espaço; as relações espaciais seriam classificadas em termos de localização, distâncias, áreas, densidade, tamanho (volume). A sexta subclassificação seria resultante da intervenção de outras condições, consideradas como residuais ou desconhecidas e que, em última análise, permitiria chegar a subclassificação preditiva. Esta classificação, proposta por Dood, de certo modo tem passado despercebida entre os sociólogos, principalmente por exigir uma dose elevada de conhecimento de lógica simbólica, de álgebra matricial, de estatística e de matemática. Não obstante a simplicidade operacional do modelo classificatório, a sua validade poderá ser testada através de pesquisa empírica.

Clyde Kluckhohn (1968) e colaboradores, utilizaram como critério as "dimensões" como sugeriu John W. M. Whiting, para a classificação dos valores. Assim sendo, propõem: 1) **Dimensão de modalidade** (valores positivos e negativos); 2) **Dimensão de conteúdo** (valores expressionistas, cognoscitivos e morais); 3) **Dimensão de propósito** (valores de modo, valores metas, valores operacionais e intrínsecos ou últimos); 4) **Dimensões de generalidade** (valores específicos, valores-papel, valores temáticos); 5) **Dimensão de intensidade** (valores categoriais ou o que deve e não deve ser feito; valores preferenciais; valores utópicos, este último pode constituir uma subclasse formada pelos valores hipotéticos que, por sua vez, passam a agrupar a subclasse dos valores tradicionais; em termos da organização dos valores dentro desta dimensão, podem ser explicitados os valores centrais e os periféricos e em valores dominantes, variantes ou desviantes); 6) **Dimensão de explicitude** (formada por valores explícitos, isto é, expressados verbalmente pelos atores, e não inferidos como no caso dos valores implícitos); 7) **Dimensão de alcance** (extent), nesta categoria aparecem os valores idiossincráticos, defendidos por uma só pessoa dentro de um grupo, a partir do qual pode desenvolver-se novos valores do grupo. Destaca Kluckhohn também o "valor pessoal" que é uma forma privativa em que manifesta o valor do grupo ou um valor universal. O valor do

grupo é distintivo de alguma pluralidade de indivíduos, seja esta uma família, associação, gang, tribo, nação ou civilização. "Os valores de grupo consistem em fins socialmente sancionados e em modos e meios socialmente aprovados". São valores que definem os elementos em uma das situações em que os atores se encontram, recorrentemente e têm que ser em alguma medida funcional, para a história especial do grupo, para a estrutura social existente e para a situação ambiental (1 968: pág. 467); 8) **Dimensão de organização** (que consiste em saber em que grau os valores pessoais ou culturais se encontram hierarquizados. Em tal hierarquização aparecem os valores prioritários, de tal modo que, quanto mais geral for um valor, mais elevada será sua prioridade, porque contribui mais à organização e ao funcionamento coerente do sistema total, seja uma personalidade, seja uma cultura (1 968: pág. 470).

Até aqui temos descrito sociograficamente quatro esquemas classificatórios aos quais se poderia atribuir outros mais, porém sem maiores vantagens para a heurística deste trabalho. Cada classificação tem sua validade em termos dos critérios utilizados; daí se conclui que qualquer crítica não passa de uma argumentação ociosa. A classificação dos valores deve ser entendida em termos de critérios homológicos e analógicos de topologia e significação, considerando o problema do valor como decorrente de multissistemas e multidimensionalidade e não apenas de dimensões unilaterais. Isto se torna pertinente porque a classificação dos valores são nada menos que revelações homológicas de como se distribuem, organizam e funcionam os valores pelos multissistemas dentro de uma perspectiva transacional.

Conseqüentemente, um módulo classificatório e uma aproximação tipológica da diversidade existencial dos valores sociais.

CONCLUSÕES

1. Um estudo dos valores exige que se tome em conta as contribuições de Filosofia dentro de uma perspectiva da teoria transacional, enquanto que as bases sociológicas apoiadas numa perspectiva interacional ajudam a compreensão da análise dos valores na sua fundamentação empírica. Disto resulta que várias tendências têm sido geradas para a análise dos valores sociais, tais como: a "behaviorista", a "culturologista" e a tendência exiomática-pragmática.

2. O valor diante da teoria interacionista aparece como determinada resposta de uma pessoa diante de um estímulo; isto significa a cristalização de suas apreciações objetivas relativa à existencialidade. Quando isto adquire uma conotação coletiva pela pressão dos padrões culturais e das normas sociais o valor se transforma num valor social. Há uma espécie de alteração de sua natureza, de mostrabilidade para a demonstrabilidade.

3. A teoria holográfica permite compreender como os valores sociais se originam em termos de multissistemas que, de certo modo, é independente da cultura, embora esteja preso a ela. O valor se origina, em princípio, como uma formulação de uma matriz individual e, que posteriormente, passa à coletividade para voltar depois para o indivíduo como um valor social.

4. As características dos valores sociais são: 1) demonstrabilidade, 2) relatividade; 3) orientação para a ação; e 4) caráter afetivo.

5. As construções tipológicas dos valores sociais têm conotação heurística e pragmática na medida em que critérios são considerados e as metas que pretende atingir. As classificações de Fischer, Dood, Adler, Kluckhohn e outros tratadistas são neste sentido altamente valiosos, embora algumas dessas classificações se inclinem em tornar ainda mais hermética a compreensão do problema.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADLER, Franz, 1 956 — "The Value Concept in Sociology". **American Journal of Sociology**. 62 (Nov) págs. 272-279.

BAIER, Kurt and RESCHER, Nicholas — **Values and the Fuchure: The impact of technological change on American Values**. New York, The Free Press, 1 969.

BUNGE, Mario, 1 969 — **La Investigacion Científica. Su estrategia e su filosofia**. Barcelona. Ediciones Ariel.

CARTER Jr., Roy, E. 1 956 — "An Experiment in Value Measurement" **American Sociological Review**. Vol. 21, págs. 156-163.

- CATTON Jr., William R. 1 954 — "Exploring Techniques for Measuring Human Values". **American Sociological Review** Vol. 19 (feb) págs. 49-55.
- CATTON Jr. William R. 1 959 — "A Theory of Value" **American Sociological Review**. Vol. 24, págs. 310-317.
- DEWEY, John and BENTLEY, Arthur F. — **Knowing and The Know**, Boston, Beacon Press, 1 960.
- DODD, Stuart C. 1 951 — "On Classifying Human Values: a step in the Prediction of Human Valuing". **American Sociological Review** 16 (oct.) págs. 645-653.
- DURKHEIN, Emile 1 911 — "Jugements de Valeur et jugements de ralité" **Revue de Metaphysique et de morale**. Vol. 19.
- FISCHTER, Joseph 1 967. — **Sociologia**. São Paulo, Herder.
- KLUCKHOHN, Clyde e Colab. 1 968 — "Los valores y las orientaciones de valor en la teoria de la accion" in **Hacia uma teoria general de la accion** (Dirigido por Talcott Parsons y Eduardo A. Shils) Buenos Aires, Editorial Kapelusz, págs. 435-486.
- MORENT, Manuel Garcia, 1 967 — **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo. Editora Mestre Jou (3º Ed.).
- MORRIS, Charles, 1 956 — **Varieties of Human Value**, Chicago, University of Chicago Press.
- ROCHER, Guy, 1 971 — **Sociologia Geral**. Lisboa. Editorial Presença.
- RUSSELL, Bertrand, 1 955 — **A Ciência e a Sociedade**. São Paulo. Companhia Editora Nacional.
- STRMISKA, Zedenec, 1 970 — 'Aspirations et orientations de valuer" **Aspirations et Transformations Sociales**. (Direction de Paul-Henry Chombart de Lauwe) Paris. Editions Anthropos. Paris, págs. 97-128.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR SOBRE O ESTUDO DOS VALORES.

- ALBERT, Etlrel M. — "Value Sentences and Empirical Research" **Philosophy and Phenomenological Research** Vol. 17 (1 957) págs. 331-338.

- BAYLIS, Charles A. — "The Confirmation of Value Judgments" **The Philosophical Review**, Vol. 61 (1 952) págs. 50-58.
- HARTMAN, Robert S. — **The Struture of Value**, Carbondale, 1 967.
- HULL, Clark L. — "Value, Valuation and Natural Science Methodology" **Philosophy of Science** Vol. 4 (1 944) págs. 125-141.
- KLUCKHOHN, Florence and F. L. Strodbeck — **Variations in Value Orientations**. Evaston, 1 961.
- LEE, Harald Newton — **Essays on the Theory of Value and Valuation**. (Ed. by Lee) Minneapolis 1 935.
- MORRIS, Charles — **Varietes of Human Values**. Chicago., 1 956.
- WHITES Ralph, RK. — **Value Analysis: The Nature and The Use of its Methods** N. J. Glen Gardner, 1 951.
- SCOTT, William A. — "Empirical Assessment of Values and Ideologies" **American Sociological Review** Vol. 24 (,1 959) págs. 299-310.
- DAVIDSON, Donald, J. C. C. Mackinsey and Patrick Suppes — "Outline of a Formal Theory of Value" **Philosophy of Science** Vol. 22 (1 955) págs. 140-160.
- BAIN, Read — "The Scientist and his Values" **Social Forces** Vol. 31 (1 952) págs. 106-109.